



LÍNGUA MATERNA DAS CRIANÇAS INDÍGENAS: alfabetização nos anos iniciais

VOGARIN, Tissiane Peixoto*
BORGES, Elizabete Velter**
CHAVES, Luciana Amâncio***

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade dialogar sobre o processo de alfabetização com crianças que frequentam os anos iniciais do Ensino Fundamental e a influência da Língua Materna nesse processo de inserção da Língua Portuguesa desenvolvida nas escolas municipais: Ramão Martins e Augustinho da reserva indígena de Dourados MS. Considerando que as escolas indígenas têm o ensino da Língua Portuguesa, se levantam questões sobre: como ocorre o processo de ensino e aprendizagem das crianças indígenas que são falantes da língua materna, no caso do Guarani e Kaiowá e como podem ser ofertadas metodologias de trabalho em sala com as crianças para que as mesmas não tenham tantas dificuldades em aprender no seu processo de alfabetização e letramento. O objetivo proposto neste trabalho foi de investigar o ensino aprendido das crianças Guarani e Kaiowá no processo de alfabetização e as dificuldades dos professores indígenas não falantes da língua materna em sala de aula. A metodologia deste estudo seguiu os parâmetros da pesquisa bibliográfica e de campo por meio de questionário com professores de alfabetização que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental da referida reserva mencionada acima. Os resultados apontam que é de fundamental importância desenvolver um trabalho profissional pautado na valorização da cultura indígena por meio de metodologias que atendam a especificidade do processo de aprendizagem das crianças indígenas, assim, considerando sua realidade, cultura e também por meio de um trabalho bilíngue a fim de contribuir para com a alfabetização com qualidade a essas crianças.

Palavras-chave: Alfabetização. Cultura indígena. Crianças e Ensino Bilíngue.

* Graduada em Pedagogia pelo Centro universitário da grande Dourados- UNIGRAN.

** * Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados - UNIGRAN (2005). Especialização em Metodologia do Ensino Superior na UNIGRAN (2007). Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS (2008). Especialização em Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (2012). Mestrado em Educação na UFGD(2014). Professora Efetiva de Educação Infantil no município de Dourados.

*** Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados- UNIGRAN (2018), pós-graduada em metodologia do ensino superior e docência em educação à distância pelo Centro universitário da grande Dourados UNIGRAN (2020). Pós-graduanda em tecnologias educacionais pela Faculdadeplay (2021).



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

1 Introdução

A pesquisa busca um olhar diferenciado para as crianças indígenas da etnia Guarani, Kaiowá falante da língua materna, em relação a alfabetização nos anos iniciais e aos desafios dos professores indígenas regentes, alfabetizadores de crianças das escolas municipais: Ramão Martins e Augustinho, localizadas na Reserva Indígena de Dourados-MS.

Mesmo que o direito da educação indígena esteja assegurado na Constituição Federal de 1988, e que tenha possibilitado nas escolas a presença da língua indígena, ainda há uma preocupação com essas crianças falantes da língua materna principalmente no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais.

A língua materna das crianças indígenas é importante, e antes de começar o seu processo de alfabetização, é preciso consultar a comunidade, conhecer as famílias que vivem no local, suas peculiaridades, suas crenças e seus costumes, para que sejam alfabetizadas de acordo com a realidade.

Esse estudo buscou verificar como ocorre o processo de alfabetização na língua portuguesa, no primeiro ano do Ensino Fundamental da escola municipal Indígena Ramão Martins e Augustinho. Bem como saber quais os métodos que os professores alfabetizadores recorrem para facilitar o trabalho em sala de aula com as crianças falantes da língua materna nas referidas escolas.

Então, o objetivo geral foi especificamente pesquisar o modo de como as crianças falantes da língua materna Guarani e Kaiowá dos anos iniciais são alfabetizadas. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Pesquisar os desafios dos professores indígenas regentes para alfabetizar as crianças; investigar como a escola atende as crianças indígenas falantes da língua materna e avaliar os aspectos de aprendizagem das crianças.

Para atingir os objetivos dessa pesquisa foi necessário realizar uma pesquisa de cunho qualitativa recorrendo a estudos bibliográficos, se pautando em autores tais como: Meliá Bartolomeu, Josélia Gomes Neves, Rita Potyguara entre outros. Para obtenção de dados empíricos realizou se entrevistas com questões semi estruturadas com professores alfabetizadores.

Este trabalho se faz relevante pela discussão sobre a temática alfabetização de alunos falantes da língua materna relacionado as dificuldades de aprendizagem apresentada por esses alunos e pela importância de construir metodologias



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

diferenciadas e materiais didáticos voltados a atender essa especificidade, respeitando assim suas singularidades e cultura.

2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DIFERENCIADA

A Reserva Indígena de Dourados Francisco Horta Barbosa[†] tem oito escolas que atende as crianças Guarani, Kaiowá e Terena, são elas: Escolas Francisco Meireles[‡] missão evangélica Kaiowá que atende o não índio também, Escola Municipal Indígena Ramão Martins que se localiza no espaço da comunidade indígena Jaguapiru.

As demais são: Escola Municipal Indígena Augustinho, Escola Municipal Indígena Araporã, Escola Municipal Indígena Lacuí Roque Isnard, Escola Municipal Indígena Tengatuí Marangatu, Escola Municipal Indígena Pai Chiquito- Chiquito (na aldeia Panambizinho) e para atender o ensino médio Escola Estadual Indígena do Ensino médio Intercultural Guateka Marçal de Souza.

A escola indígena é diferente e tem suas características próprias, maneira pedagógica de ensinar sempre valorizando sua cultura e sua língua materna. Segundo a Constituição Federal de 1988, ART. 210. § 2º "O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem". A língua materna do Guarani e Kaiowá precisa estar presente no processo de alfabetização e letramento dos mesmos.

Para que as escolas indígenas mantenham a sua cultura e sua língua preservada o professor deve ser um índio da comunidade que conhece a realidade dos alunos. A LDBEN nº. 9394 de 1996 assegura o uso e a manutenção das línguas maternas e o respeito aos processos próprios de aprendizagem das sociedades indígenas no processo escolar. Diante disso para ensinar as crianças indígenas o professor deve ser preferencialmente, um índio da própria comunidade, buscando

[†]Em 1917 é criada a Reserva Francisco Horta Barbosa, com 3,6 mil hectares, atual Reserva de Dourados e os índios são colocados todos no mesmo espaço, que até hoje ainda é o mesmo da criação, com um detalhe: moram 12 mil pessoas no pouco espaço. Das etnias: Guarani, Kaiowá e Terena.

[‡] Atende majoritariamente alunos da aldeia Jaguapiru, se localiza nos limites externos da reserva de Dourados.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

sempre trabalhar de acordo com a realidade do aluno principalmente dando o valor a língua.

O Parecer 14/99 do Conselho Nacional de Educação, no art. 78 afirma que:

[...] a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngue, visando à reafirmação de suas identidades étnicas, à recuperação de suas memórias históricas, à valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional.

A escola indígena juntamente com os professores da comunidade buscam valorizar os saberes indígenas, coerente com a afirmação do princípio de reconhecimento da diversidade cultural, a Lei nº 9.394/96, define como um dos princípios norteadores do ensino nacional o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, garantindo às escolas indígenas um processo educativo diferenciado e respeitoso de sua identidade cultural e bilíngüe. O § 3º do art. 32 da LDB assim como a Constituição Federal assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

O Art. 78 da LDB afirma que:

O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Dessa forma o currículo da educação escolar indígena deve contemplar quatro adjetivos sendo: específica, diferenciada, bilíngüe e intercultural, com atitude valorativa de respeito à diversidade e aos processos pedagógicos próprios. Contemplando o que está disposto na constituição federal no ART. 31:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Assim o papel da escola indígena é reafirmar as identidades étnicas valorizando suas línguas e ciências, garantindo aos índios e as suas comunidades o acesso a informações, conhecimentos técnicos científicos da sociedade nacional e das demais sociedades seja elas indígenas ou não.



3 LÍNGUA MATERNA DOS INDÍGENAS GUARANI KAIOWÁ

Cada povo tem a sua cultura seu idioma e história. No Brasil, durante séculos, a cultura dominante, de raiz européia, se impôs a outras culturas, entre elas as indígenas. Ao longo de nossa colonização, os povos que aqui viviam antes da chegada dos portugueses tiveram seus costumes, crenças, histórias e idiomas desvalorizados. Junto à tomada violenta das terras que habitavam e ao massacre de centenas de povos, estima-se que muitos idiomas indígenas tenham se perdido sem deixar registros.

Com o objetivo de incorporar os indígenas à "civilização", políticas governamentais, desde o século XVIII, chegaram a proibir que eles se expressassem em seus idiomas maternos. O mesmo processo acontecia na catequese ou evangelização desses povos. (Josélia Gomes Neves).

De acordo Amambai Notícias *apud* Povos indígenas do Brasil (2020):

A língua guarani é falada por diferentes povos e de diferentes modos. De acordo com o linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues, os Nandeva, Kaiowa e Mbya falam dialetos do idioma guarani que se inclui na família lingüística Tupi-Guarani, do tronco lingüístico Tupi. Neste rol se incluiriam também os povos chiriguano, guarani-ñandeva (Chaco paraguaio), ache, guarayos e izozeños, habitantes da Bolívia e Paraguai.

Atualmente a língua Guarani e Kaiowá se mantém forte mesmo que esteja em risco de extinção pela presença da língua portuguesa nas escolas. Os professores não falantes da língua materna indígena, alfabetizadores dos anos iniciais, lutam para manter a língua materna, cultura, história, dança e etnia por meio de projetos de pesquisas nas comunidades adequando a realidade do aluno, seja ele falante da língua indígena ou da portuguesa. Isso tem sido um desafio para escolas trabalharem sempre os saberes indígenas os seus direitos e deveres para que as crianças tenham o conhecimento da importância de seu povo. De acordo com Maria Ceres Pereira:

Para os indígenas, a escrita da língua portuguesa tem importância como instrumento de luta para reivindicação de terras e para garantia dos direitos indígenas. Desse modo a Língua portuguesa é valorizada e é de interesse da comunidade a aprendizagem da mesma pelas crianças, pois a elas cabe dar continuidade ao processo de luta pelos direitos da comunidade. (2012, p.12-13).

A maioria das crianças hoje nas comunidades indígenas, falam a língua



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

portuguesa, sendo essa sua língua materna desde sua infância. Ou então, as línguas guarani e kaiowá e português, sendo bilíngues. E as escolas buscam preservar o valor da língua indígena que é a sua própria identidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objeto de estudo dessa pesquisa foi especificamente o processo de ensino aprendizagem de crianças indígenas em processo de alfabetização em escolas municipais na reserva indígena de Dourados, considerando as crianças falantes de língua materna sendo alfabetizadas em língua portuguesa por professoras não falantes da língua materna indígena.

Com intuito de saber como se dá a aprendizagem dessas crianças e as dificuldades das professoras em sala de aula, realizou-se entrevistas semi estruturadas com professoras alfabetizadoras, atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental I da reserva indígena em questão. As professoras, doravante, serão denominadas de Prof^a "CM", Prof^a "LM", Prof^a "AM", Prof^a "CC", Prof^a "AR" e Prof^a "JA".

O primeiro questionamento feito às professoras foi: Qual sua etnia? Você é falante da língua materna? Sobre esse questionamento:

A Prof^a "CM" respondeu: "Sou do povo Terena, infelizmente minha língua materna é o português, não aprendi o "Tereno" nosso idioma indígena". E a Prof ^a "LM" disse:
--

A Prof^a "LM" disse: "Sou da etnia terena. Minha língua materna é a língua portuguesa. Não sou falante do idioma da minha etnia. Considero que minha língua materna seja o português. Neste sentido então, digo que sou falante da língua materna e não falante da língua do idioma da minha etnia.
--

A prof^a "AM" disse: "Guarani, não sou falante". A prof^a "CC" : "Sim. Sou Kaiowá". Enquanto que a Prof^a "AR" respondeu: "Minha etnia é Kaiowá, sou fluente da minha língua materna" e a Prof^a "JA" pontuou: "Sou da etnia Guarani. Sim sou falante da língua Guarani/kaiowá".
--

Percebeu-se que a maioria das professoras são falantes somente da língua portuguesa, desconhecem a língua materna de suas etnias, terena e guarani Kaiowá. De acordo com Marco Antônio Bessa-Oliveira (2014): "Os índios Terena, um dos subgrupos Guaná do tronco linguístico Aruak e originários do Chaco paraguaio, têm uma longa história de contato com a sociedade branca". Esse contato fez com que os terenas adotassem elementos da língua portuguesa e banissem a língua materna.

O próximo questionamento feito às professoras foi: Qual é o método utilizado por você para alfabetizar crianças indígenas falantes da língua materna?

A Prof^a "CM" inferiu que:

Nossos alunos são na sua maioria da etnia Kaiowá, por essa ser a etnia predominante da Reserva de Dourados. Nasci no território Guarani Kaiowá, e a convivência nos aproxima demais. E o contato com a língua guarani é constante. É uma necessidade social aprender a língua guarani, isso ocorre espontaneamente. Na sala de aula é fundamental saber o básico pra comunicação, desde o



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
"Paulo Freire: contribuições
para a educação pública"

cumprimento até como instrução para as atividades que serão desenvolvidas. É um fator relevante pra ter êxito no trabalho em sala de aula. Dentre muitos fatores que precisam ser considerados quando as dificuldades se apresentam, a língua indígena materna de muitas crianças acaba sendo um agravante. Quando na verdade é uma verdadeira riqueza pra alfabetização, se eu enquanto professora falasse também a língua indígena.

Sobre o mesmo questionamento a Profª "LM" pontuou que:

Muitas crianças são como eu, a língua materna é a língua portuguesa. Mas há também crianças que nascem em lares onde os pais só falam o idioma de sua etnia, Guarani ou kaiowá, então, a língua materna é este idioma Guarani ou kaiowá. As atividades são feitas conforme o conteúdo ministrado. As atividades são em língua portuguesa. Como já alfabetizo a algum tempo, de 25 crianças, geralmente 5 não entendem as orientações. Então preciso ter muita paciência, explicar várias vezes, ficar bem próximo a estas crianças nas mesas delas, muitas vezes peço ajuda pra um colega falar em língua Guarani ou kaiowá, para aqueles que não entendem. Muitas vezes pergunto a pronúncia na língua indígena, e assim fico repetindo. Entre estas 5 crianças, nestes anos todos de experiência, 2 crianças aprendem a falar português em sala.

A profª "AM" ressaltou que:

A escola onde atualmente estou dando aula 90% das crianças não falam a língua indígena, visto que, sua língua materna é o português, os outros 20% são crianças falantes assim, o método que utilizo para essas crianças são de acordo com o RCNEI que é um documento que nos auxilia a atuar com essas crianças, assim são utilizados materiais de forma que a criança não sinta-se prejudicada nem excluída, os materiais são geralmente em português, mas na medida do possível eu explico com muita dedicação a criança, uso da ludicidade para que eles possam entender a tarefa, no que se refere a musicalização em nossa comunidade há muitas cantigas usadas na língua guarani e terena que são línguas predominantes em nossa aldeia assim sempre incluindo-as e jamais deixando sua língua de lado, sempre tenho ajuda dos coordenadores que geralmente são falantes e também meus pais ou avós para produção de materiais específicos.

A Profª "CC" sobre essa indagação disse:

Primeiramente conversar na língua, explico o conteúdo de uma maneira que possa entender, ou quer dizer de uma maneira da realidade da criança, conforme do convívio dela. Por exemplo se for trabalhar alimentos, pergunto para criança o que come na casa, dia a dia das crianças.

A Profª "AR" assim respondeu:

Infelizmente o método utilizado para alfabetizar as crianças indígenas, a primeira língua é em português, infelizmente, mas sempre fazendo assim de uma forma que eu acho que não deveria ser, mas eu tenho que fazer para atender essas crianças falantes da língua materna, primeiro proponho a aula, no caso a explicação, as conversas, ali no momento em português. Ai depois, logo após então eu explico às crianças falantes da língua materna na língua deles, pra poderem entender aquela atividade, pra facilitar, pra executarem qualquer tipo de atividade.

A Profª "JA" disse: "Como a escola aqui da aldeia é diferenciada eu pesquiso as atividades não indígenas e essas atividades eu adapto para o guarani/kaiowá. Mas tem atividades que eu mesmo produzo por não ter ela pronta".

De acordo com Josélia Gomes Neves em entrevista à plataforma do letramento:

A relação entre a oralidade e a escrita na escola se manifesta de várias formas. No clássico modelo de fonetização, é possível perceber que as crianças, da **alfabetização** inicial aos anos posteriores do Ensino Fundamental, tanto na língua materna como no português, se apoiam na fala para escrever as palavras. Outra situação é que, como a língua de instrução nas escolas das aldeias é a indígena, a oralidade tem importância central para a compreensão do assunto, e isso repercute na escrita.

É notório que a comunicação entre educadoras e alunos é primordial no



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
"Paulo Freire: contribuições
para a educação pública"

processo de alfabetização, haja vista que a sonoridade, fonetização fazem parte do processo de aquisição da escrita, assim, aos alunos falantes somente da língua materna indígena o processo se torna mais dificultoso, tendo em vista que as professoras são falantes somente da língua portuguesa.

O próximo questionamento feito às professoras alfabetizadoras na escola pesquisada foi: Em sua prática diária na sala de aula você propõe metodologias diferenciadas que atendam as necessidades de aprendizagem das crianças indígenas falante da língua materna? Quais?

Para essas indagações a Profª "CM" respondeu:
Tenho aumentado meu vocabulário básico gradualmente. É uma meta a cada nova turma que trabalho. Também busco apoio de colegas professores falantes da língua indígena. Trabalho com leituras e músicas de fácil aprendizado na língua. Busco apoio de alunos bilíngues pra me ensinar e me ajudar na explicação das atividades. Valorizo e incentivo a comunicação na língua indígena materna, para que o aluno falante se sinta bem e se desenvolva com apoio de todos. Desenvolvo projetos de pesquisas, trazendo muito os saberes indígenas para ser uma âncora da minha prática.
A Profª "LM" afirmou que:
Estas crianças precisam muito de ajuda individual, geralmente elas têm mais dificuldade para entender e eu também pra entendê-las. As atividades para elas são mais fáceis em relação à turma. [...] Há uns quatro anos temos professores que trabalham a língua indígena Guarani / kaiowá. É uma disciplina ministrada por professores falantes do idioma guarani/kaiowá. Então isto ajuda muito. As crianças falantes se familiarizam com seu idioma, enquanto que aquelas que não sabem, aprendem um pouco a língua indígena da aldeia aqui. Quero destacar também, que destas 20 crianças geralmente já há crianças bilíngues: falantes do português, falantes do idioma. Guarani/kaiowá. Então, elas entendem as orientações em português e observo que entre eles, há conversas na língua indígena. Isto é muito interessante e lindo!!! Eles mesmos explicam uns aos outros.
A Profª "AM" inferiu que:
Sim, no início do ano com cantigas, historinhas, brincadeiras vou observando quem não está se adaptando devido não falar a língua portuguesa (a maioria das crianças da reserva indígena de Dourados quando chegam na idade escolar dominam um pouquinho o português mas tem bastante dificuldade) assim com auxílio de algum falante eu professora tenho que produzir materiais específicos na língua como números, palavras, etc.
A Profª "CC" assim respondeu:
Sim sempre trabalhando com a realidade da criança, as palavras que elas conhecem, por exemplo: bola, na mente na criança já vem bola= pelotas. Nunca trabalhar as palavras desconhecidas, com o tempo vão aprender essa palavra desconhecida.
A Profª "AR" disse:
Em relação às metodologias diferenciadas elas são diárias, o professor tem que estar diariamente propondo uma metodologia para atender aquelas crianças da língua materna e também não pode esquecer aquelas crianças que são falantes da língua portuguesa. [...] E algo que sinto falta é de uma assessoria pedagógica que não temos e assim propor jogos e outras formas de atendimento a essas crianças. Tenho visto essa necessidade e também tenho observado que essas crianças falantes da língua materna, infelizmente não chegam até o final do ano letivo, ou desistem no início ou no meio, são crianças que mais desistem da escola. [...] E eu tenho feito geralmente a leitura do alfabeto. Não posso atender somente as necessidades das crianças falantes da língua materna ou falantes do português, preciso pensar nas duas questões. Então uso o alfabeto com desenhos de algo do dia a dia dessas crianças. [...] Fazem 15 anos que atuo como docente alfabetizadora e tem sido um desafio, porque não há uma política que atenda essa questão em relação a nossa língua materna de ser a primeira língua na alfabetização e a comunidade escolar também não tem uma organização interna pra poder atender essas crianças indígenas falantes da sua língua materna ou de tornar a língua materna como uma primeira língua.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
"Paulo Freire: contribuições
para a educação pública"

A profª "JA" inferiu:

Sim sempre porque os alunos que atendo são alunos ativos, falantes na língua materna e todas as metodologias que uso são diferenciadas. Como já havia mencionado algumas atividades são produzidas por mim mesma por não ter prontas ou para adaptar.

De acordo com Rita Potyguara diretora de políticas de educação do campo, indígena e relações étnico-raciais do MEC em entrevista a plataforma de letramento:

O direito à educação diferenciada, própria a cada povo e comunidade, deve ser efetivado pela elaboração de projetos pedagógicos com autonomia, currículos que atendam às necessidades e aos interesses de sustentabilidade socioambiental e oferta de materiais didáticos e paradidáticos de autoria indígena que abordem os conhecimentos indígenas. O letramento indígena deve ser feito com base nesses conhecimentos, contextualizando suas realidades socioculturais. Assim, a aquisição da escrita se dá com base nas experiências das crianças, em aprendizagens vivenciadas em sua comunidade: participando de rituais, de atividades socioeconômicas, escutando narrativas tradicionais de pessoas mais velhas da aldeia, brincando, observando.

Assim, de acordo com as falas acima, fica evidenciado que o ensino aprendizagem de crianças indígenas deve acontecer imbricando língua portuguesa com a língua materna indígena, isto é ensino diferenciado e bilingue. Sobre isso Rita Potyguara afirma:

O ensino-aprendizagem dos idiomas indígenas como línguas de instrução e comunicação nas escolas deve acontecer juntamente com a língua portuguesa, de acordo com as realidades sociolinguísticas de cada povo e comunidade, que são bastante heterogêneas.

Também foi questionado às professoras. Pra você enquanto docente qual a importância da atuação e desenvolvimento do seu trabalho com competência e habilidade de forma a valorizar a criança indígena e sua cultura? Sobre este questionamento as respostas foram:

Profª "CM":

A criança indígena, assim como toda criança deve ter seus direitos de aprendizagem assegurados. Isso demanda uma prática que contribua para o desenvolvimento de suas habilidades. Ter uma sensibilidade a sua condição específica cultural, social com seu modo de viver, sua língua vai nortear uma prática adequada e que garanta seu aprendizado, suas descobertas, construindo novos conhecimentos e respeitando, sem deixar de ser a criança indígena Guarani, Terena ou Kaiowá.

Profª "LM":

Todo trabalho deve ser feito com amor e muita paciência. Não adianta levar atividades todas lindas e insignificantes, segundo a visão do que temos sobre tal assunto. Sempre digo que professores de alfabetização na aldeia, precisam ter uma antena a mais. [...] Busco está ajuda logo no início do ano, para que está família seja o meu braço direito. Digo da valorização do que somos enquanto indígenas falantes ou não do idioma, das conquistas que temos ou poderemos ter, a importância do estudo, para nós indígenas, porque se os pais não são motivados, a criança também não terá motivos para buscar estudar. [...] Logo nos primeiros anos de vida escolar, nós professores da escola indígena precisamos valorizar o SER INDÍGENA. Este despertar deve acontecer com a criança. Porque nem sempre as crianças chegam na escola reconhecendo que é Guarani, kaiowá ou terena. Se isto não



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
"Paulo Freire: contribuições
para a educação pública"

for despertado na criança, ela não se valorizará como indígena, não se reconhecendo como tal. Eu como professora não falante do idioma nem da minha etnia, nem das etnias com as quais trabalho, vejo a necessidade de aprender a língua Guarani /kaiowá. Sei algumas palavras que me ajudam.

Para a Profª "AM":

Eu, enquanto docente indígena não falante sinto na minha pele a falta que há quando não se falamos mais nossa língua de origem, nossas crianças que são falantes demoram a pegar confiança em nós, pois tudo fica um pouco mais difícil, assim tenho que recorrer a meus parentes e me adaptar, fico a pensar se meus pais tivessem me ensinado, e meus professores tivessem me ajudado a valorizar e querer aprender, talvez hoje haveria mais métodos para ajudar as crianças. Por esse motivo que influencio as crianças a aprender, a valorizar, falar menos ou falar mais não me deixa de ser indígena mas dificulta nossa comunicação, sociabilidade, e também nossa cultura é determinada muitas vezes pela língua, como por exemplo em contação de histórias, em rodas de conversa.

A profª "CC" comentou que:

Ser responsável, ética, sempre estudando p se aprimorar o seu conhecimento na área, porque a criança e os pais confiam no seu trabalho, espera q o filho aprenda de uma maneira, eficaz. A criança às vezes precisa de carinho e muito carinho!

A profª "AR" pontuou que:

Tem sido preocupante como disse na minha fala anterior que essas crianças que são falantes da língua materna guarani/ kaiowá são as que mais desistem do ambiente escolar, porque eles têm de alguma forma pensado que não são atendidos ou pela necessidade de interagir e não conseguir, socializar com as crianças falantes da língua portuguesa. [...] Já levantamos na escola essa questão, como que a escola poderia estar atendendo essas crianças, se poderia se organizar e tornar a língua materna a primeira língua na escola, como será com essa demanda, como atender esses alunos, separá-los em uma sala com professores falantes da língua materna, isso tem sido uma preocupação. Não temos uma política pra assegurar essa questão dentro das escolas indígenas.

A profª "JA" respondeu da seguinte maneira:

A importância de trabalhar com a competência e habilidade e que depois vemos o resultado como e lindo, e também quando levamos os trabalhos dos nossos alunos para expor e vemos que foram alcançados os objetivos com muita facilidade.

Para Josélia Gomes Neves a escola indígena ideal:

[...] a escola sonhada pelos povos indígenas é a diferenciada e intercultural proposta pela Constituição de 1988. Diferenciada porque deve ser pensada com base na realidade dos povos indígenas, e intercultural porque deve insistir no diálogo entre as culturas (indígenas e não indígenas), enfrentando o desafio das relações assimétricas de poder por parte do lado ocidental.

Na concepção da Josélia a escola indígena precisa abarcar a interculturalidade, bem como ter subsídios como materiais didáticos e paradidáticos necessários para que o ensino aprendizagem seja efetivo.

Diante do exposto é perceptível que o trabalho em escolas indígenas é bastante complexo, o professor precisa ser polivalente, pesquisador, atuar com dinamismo diante dos desafios que lhe são impostos diariamente em sala de aula. E em relação ao uso de língua materna e aos conhecimentos culturais que lhe são necessários, devem recorrer aos saberes dos povos da comunidade e se necessário recorrer aos falantes da língua materna para o apoio em sala de aula, fazendo assim o ensino diferenciado e bilíngue para o aprendizado de todos os educandos.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

O que é básico é que a alfabetização, mesmo em português, terá por objetivo não abafar a identidade e a educação étnica, mas sempre revalorizá-la (MELIÁ BARTOLOMEU). Aos indígenas é importante ser alfabetizado em português pela convivência com os não índios, no entanto, a preservação da cultura, bem como da língua materna deve ser considerada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é a essência de um povo. No que tange a língua materna indígena é imprescindível mantê-la viva para que não haja a desintegração cultural e histórica dos povos indígenas. Em relação ao processo de ensino aprendizagem escolar indígena é pertinente que haja o ensino diferenciado e bilíngue para que se torne significativo.

Do período colonial a contemporaneidade a língua materna indígena sofre perigo de extinção por causa da onipresença da língua portuguesa. Nas escolas indígenas da atualidade embora a constituição federal regulamente o ensino diferenciado, estabelece que a alfabetização ocorra em língua portuguesa e língua materna indígena, mantendo viva a cultura indígena, muitas escolas preconizam a alfabetização em português por não falar a língua materna indígena e por não haver materiais propícios ao ensino bilíngue.

Embora seja importante adquirir a língua portuguesa devido à proximidade e convivência com os não índios, é fundamental manter o bilinguismo. Em sala de aula no momento da alfabetização é importante recorrer à língua materna e assim formar sujeitos alfabetizados em ambas as línguas.

Ao realizar esse estudo soube se que há um entrave, mesmo com as deliberações, diretrizes em favor de manter os costumes indígenas vivos, dentre eles a língua materna, em muitos casos, o processo é dificultoso, tendo em vista que, muitos dos professores embora indígenas não sejam falantes da língua materna.

No entanto, esses professores se esforçam e recorrem às metodologias que envolvem o bilinguismo, utilizando quem tem conhecimento da língua materna para instruir atividades, ampliando o vocabulário na língua materna indígena para assim haver comunicação. Dessa forma aos poucos o ensino aprendizagem se torna



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
“Paulo Freire: contribuições
para a educação pública”

significativo e diferenciado, ofertando a todos o direito de aprender e manter viva a tradição cultural de seu povo.

REFERÊNCIAS

A Língua Guarani Kaiowá. Amambai Notícias. Disponível em: <https://www.amambainoticias.com.br/educacao-e-cultura/a-lingua-guarani-kaiowa>. Acesso: 26 de Jun 2020.

BARTOMEU, Melià. **Educação indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso: 10 JUN. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Indígena. Parecer CNE nº 14/99 CBE. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10204-13-parecer-cne-ceb-14-99-diretrizes-curriculares-nacionais-da-educacao-escolar-indigena/file>. Acesso: 15 Jun. 2020.

BRASIL. LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso: 15 JUN. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marco Antônio; ANDRADE, Tisa Tatí Oliveira. **REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA TERENA por meio do teatro segundo o PCN-Arte/Teatro**. Disponível em: <file:///C:/Users/Tissiane/Downloads/3412-Texto%20do%20artigo-10488-1-10-20170415.pdf>. Acesso: 20 JUN. 2020.

LOURENÇO, Renata. **A política indigenista do Estado Republicano junto aos índios da Reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar (1929 a 1968)**. Dourados, MS; UEMS, 2008.

NEVES, Josélia Gomes. **Josélia Gomes Neves: Alfabetização e letramento indígena**. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/920/joselia-gomes-neves-alfabetizacao-e-letramento-indigena.html>. Acesso: 20 Jun. 2020.

PEREIRA, Maria Ceres. **Bilinguismo, discurso e política linguística**: programa de mestrado em letras, bilíngüística e transculturalidade. Cuiabá: Ed. Liz; UFGD, 2012

POTYGUARA, RITA. **A língua nas margens**: Multilinguismo e letramento indígena. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/alfabetizacao-indigena/>. Acesso: 20 Jun. 2020.

VOORT, Hein Van Der. **Língua Viva x Língua Morta**. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/alfabetizacao-indigena/>. Acesso: 24 Jun. 2020.